

A NOVELA VERMELHA

— N.º 1 —

A Expição

POR

MANUEL RIBEIRO

—
2.º milhar



MAIO DE 1921

Secção Editorial da BATALHA
LISBOA

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

RECEIVED

DECEMBER 1950

1950

A EXPIAÇÃO

POR

MANUEL RIBEIRO

SINDICATO DO PESSOAL
— — —
ARSENAL DO EXERCITO
Campo de S. Clara-87
Telefones 2016-Central
LISBOA

A Novela Vermelha — N.º 1

Shi

A EXPIAÇÃO

por

MANUEL RIBEIRO

BIBLIOTECA DO
CENTRO DE ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS E LINGÜÍSTICA
UNIVERSIDADE DE LISBOA
LISBOA

A Expição

I

Transpuz de chapéu na mão a *sala dos entrados* e senti o guarda fechar-me ruidosamente nas costas a grossa porta de carvalho enegrecida e suja, e bater cavamente por trás o gradão de ferro de refôrço. Detive-me perplexo, hesitante, opresso. Na turba-multa da enxòvia, as entradas constantes passavam despercebidas. Alguns reclusos próximos, que tinham fixado com curiosidade a minha figura nova de entrado, vendo um *ponto* desconhecido, não me olharam mais. Avancei.

A enxòvia era uma vasta cave, subterranea e alta, dividida ao meio por uma fila de quatro grossos pilares encardidos nos ângulos pelo roçar dos corpos sórdidos e manchados de laivos de escarros na base. Duas enormes janelas, poderosamente guarnecidas de duas ordens de gradeamentos, abriam para a frente da prisão, sôbre um pátio invadido de barracas e lixos, onde passeavam sentinelas; e de outros dois buracos cavados em funil no macisso amuralhado oposto, igualmente defendidas por distanciadas barras, melancólicamente, a luz vertia muito doce e fina.

Uma centena de homens, como fêras enjauladas, abarrotava a sala. Eu examinei o quadro. Uns marchavam a dois e dois, em passo rítmico, cadenciado, de um extremo ao outro do recinto, interrompidos, de quando em quando, pelas cabriolas dos foliões e por vagas que se formavam em certos pontos e varriam a prisão de lés-a-lés. Outros sentavam-se rente às paredes, nos bancos dos bailiques, ou estendiam-se no chão, folgando, rindo, gesticulando num marulho de vozes tumultuoso de onde rompiam em vagalhão os estalidos secos e acres de gargalhadas, blastémias, imprecções,

obscenidades. Havia-os novos e velhos, andrajosos e bem postos, de trunfas e cabeças rapadas, melancólicos e alegres. Um alto, esgrouviado e descalço, serapilheira colada ao corpo e calças da casa com a marca C. C., ia de uma ponta à outra da sala, a passo acelerado, e rodopiava sôbre os calcanhares, militarmente, remexendo os lábios, olhos em alvo, iluminado como um místico. Ao rés de uma janela faziam flores de papel, em taboleiros sôbre as pernas cruzadas, dois tipos de cara rapada e pintada de vermelho, com ademanos de mulher, indiferentes aos gracejos dos que passavam interpellando-os por *Princesa do Brasil* e *Rita da Caneca*.

Então, um *ponto* baixo e loiro, vendo-me só e estranho, condeu-se, abordou-me, deu-me indicações, solícito, e pediu-me tabaco.

Era a meio da tarde e a luz morria já exangue e pálida nos fundos lóbregos da enxôvia. Pelas janelas do poente a claridade entrava amarelada e baça, como por frestas de igreja. A uma ordem do fiscal começou a faina dos preparativos da noite. Alguns presos galgaram, com presteza de macacos, uma montanha de enxergas a um canto da sala, alta até o tecto, e começou o desmoronamento. Uma poeira fina e penetrante sufocava, fazia pigarro e tosse, e era assim aquilo todos os dias ao deitar e levantar. Num quarto de hora a montanha de palha desfez-se, alagou o solo, inundou a sala, penetrou em todos os recantos, subiu às bancadas, trepou às mesas, galgou ao balcão do bailique. O chão desapareceu sob esta cama gigantesca de cem enxergas justapostas. E, sôbre esta cama, como num acampamento à roda de fogueiras, acamaradam-se grupos por sinistras afinidades.

Um lampeão bruxuleou no ar, suspenso. O bailique iluminou-se. Um homem buliçoso e calvo atiçava brasas e remexia um caldeiro fumegante, atroando o ar:

— Olha o café! O café está pronto!

Os *pontos* chegavam-se. Uma fileira de púcaros luzia sobre o nêgrume pegajoso do balcão. Era a tostão e a sete e meio.

— Olha o café! O café está quente!

Comêcei a sentir inquietação. Puz-me à busca do fiscal e interroguei-o ansioso sôbre o problemático pedaço de chão de enxerga que caberia à minha carcassa derreada.

O homem olhou-me e considerou em silêncio. Era um preso, um condenado — o fiscal das prisões é também um preso — mas era humano, e compreendeu-me. Os condenados não são na prisão as feras que a gente supõe cá fora.

— E onde há de êsse senhor ficar? inquiriu com interêsse para o capataz, coçando vagamente a nuca.

O capataz cogitou um instante.

— Eu cá lembrava o João Mateus. Tem uma enxerga alta e é também pessoa decente.

E ficou resolvido que eu ficasse com João Mateus.

Foi desanuviado e mais tranquilo que eu partilhei o pedaço da enxerga de João Mateus, ao notar que o meu *compincha*, embora incendiário e assassino (soubera-o da boca do bailiqueiro) era um homem muito sério, tratável e de boas maneiras. Não quarentava ainda e encanecia já. Culto e sabedor como eu não esperava, conquistou logo as minhas simpatias. Fraternalizámos. Abri-me em confidências. Disse com exaltação a minha vida, os meus entusiasmos, as minhas esperanças. Também Mateus tivera sonhos e soubera o que eram ideais — e fôra filósofo. Agora a sua alma era um cadáver.

Ia inquiri-lo, sondá-lo, mas o fiscal, solene, deu o silêncio e todas as vozes emudeceram de pronto. João Mateus deu-mê as boas noites e voltou-me as costas. Eu fiquei só com o meu pensamento. Começou então verdadeiramente a noite na enxôvia. Ao sinal de silêncio os vultos torceram-se, ageitaram-se melhor na palha das enxergas, inteiriçaram-se na alva mortalha das mantas e, cerradas as pálpebras, tôdas aquelas consciências recolheram-se, prescrutaram-se e trouxeram à superfície o lôdo infecto das suas misérias. Eu recebia a sensação desta yasa remexida no cheiro acre que subia dum ralo de escoamento aberto como uma chaga pôdre por baixo da minha enxerga, no hálito pestilencial das pias latrinárias em deglutição permanente, na exalação animal daquelles corpos a suar. E a onda fétida engrossava, enpastava-se nó seu fartum nauseabundo. O vômito negro das almas saturava a noite de miasmas de crime, de emanações pútridas de vício. A luz recolhia-se também e semi-cerrava a sua pálpebra vermelha no lampeão suspenso, mas ao fundo da en-

xôvia o bailique aparecia fortemente iluminado, qual caverna de scena, e por entre os vultos cadaverizados em cima do balcão, surgiam as manchas animatográficas do fiscal e do bailiqueiro acocorados, como harpias, passando entre os dedos em garra a receita do dia e o livro dos assentos dos fiados.

A noite avançava. Eu dava voltas e voltas sem poder dormir. A insónia enchia-me a cabeça de pesadelos e visões. E nesta febre da vigília o scenário adquiria aspectos de tragédia dantesca. O sono desfivelára as máscaras, e virados do avêso aqueles seres refletiam agora nòs esgares das fisionomias todo o horror monstruoso das suas taras. A enxôvia era áquela hora da noite um fundo de poço pululante de larvas. Os corpos tinham perdido a calma rigidez do primeiro sono que os fazia tomar aparências lúgubres de cadáveres para a inumação. Nos sobressaltos dos sonhos tinham-se atravessado nas enxergas, rolado uns por cima dos outros, nas mais bestialíssimas atitudes de abandono. Murmurações imperceptíveis borbulhavam em froixa espuma à flôr dos lábios. Bocados de frases emergiam como cristas eriçadas do diálogo agitado do sonho. Exclamações, brados, rizadas, torpezas e impropérios feriam o ar com as envenenadas flechas da sua violência, crepitavam como faiscas no silêncio da noite. De vez em quando uma larva rastejava na sombra e farejava nas roupas o conteúdo dos bolsos. Espectros iam dessedentar-se sequiosos às torneiras do depósito ou escoavam-se para o antro fétido das sentinas. Outros, ainda, erguiam-se rígidos, sonâmbulos, a sonhar, e avançavam calcando, espesinhando na inconsciência do seu andar, para bem depressa se abaterem sob uma fusilaria de imprecações, de murros e de coices. Tal era a scena.

Eu agitava-me febril e dava voltas sôbre voltas na enxerga. Tinha medo da noite, do silêncio, daqueles espectros, daquelas larvas que rastejavam às vezes até mim e me fixavam com os seus olhos de crime, prescrutantes. Ia gritar, levantar-me, atirar-me às grades e clamar lá para fora o meu terror, a minha agonia. Erguia-me já alucinado. E eram apenas 11 horas!

Nisto João Mátêus acordou. Olhou-me. Notou o meu so-

bressalto. Compreendeu a minha agonia. Aquietou-me. Tranquilizou-me. Eram assim as primeiras noites na prisão. Aquilo passava.

Supliquei-lhe que não dormisse, que conversássemos. Tinha horror áquele silêncio, áqueles espectros, áquelas larvas. João Mateus, caridoso, compreendendo a exaltação do meu espírito, condoía-se, condescendia.

— Pois conversemos. Ninguém nos ouve. Tudo aí dorme. Eu trsbordava de gratidão.

— E' costume, começou o meu companheiro, quando estiraçados nas enxergas, procuramos o sôno do esquecimento, um de nós contar às vezes um caso, uma história, um *bitate*, como dizemos aqui no nosso calão de presos. O *bitate* é nas prisões uma espécie de aperitivo do sôno e de tal modo benéfico que o regulamento transige e toléra-o depois do silêncio dado. Vou-lhe contar um *bitate* e se outro proveito não tiver não lhe faltará ao menos o de o fazer dormir — que é o que o senhor afinal precisa.

E foi com êste espirituoso e conceituoso introito que João Mateus me contou a sua história.

II

Eu tinha 30 anos e era escriturário numa fábrica de fiação ao Arieiro, construída há pouco, dentro duma velha e devastada quinta, a quinta dos Cedros, no vale ameno que desce para Chelas, do lado de lá da via férrea.

Fôra condiscípulo do dono e gerente da fábrica, o Sequeira, o Júlio, um rapaz da minha idade, equilibrado e sóbrio, que se fizera engenheiro de máquinas e encarava a vida com um realismo optimista feito de candura e de bondade. Tínhamos sido amigos — desta amizade despreocupada e sã da mocidade, e filosofáramos juntos, pachorrentamente, diante de lentos *boks* nas cervejarias intelectuais ou na deambulação morosa e vaga sob o sussurro alto das árvores do Campo Grande celebrizadas na boémia espiritual.

Eu encarava o presente com um feroz olhar de nihilista, cria numa idade de oiro, tinha fé num Ideal — e sonhava.

Júlio, tolerante e bom, dava razão a tudo, achava tudo natural, e calculista e prático, desdenhava de filósofos e via apenas a realidade.

Um dia seguiu cada qual seu rumo, ou melhor, eu continuei na mesma falta de rumo, nómada e inadaptável, arrastando a minha misantropia e os meus devaneios anarquistas por velhas igrejas arruinadas. Agradaram-me sempre os templos gastos e decrépitos, porque não vai lá ninguém e dentro dêles as ideas — como as palavras, adquirem não sei que ampliadora ressonância.

O Júlio era filho de um hortelão enriquecido nas várzeas de Chelas a criar couves e nabos para o ventre de Lisboa. Por morte do pai, com o pecúlio herdado, montou sobre o patriarcal e rústico casarão dos Cedros uma fábrica moderna, como lhe estava puxando o estímulo de uma vocação, nesse vago instinto criador de complexidade que é a misteriosa razão de ser do Progresso. Depois Júlio casou com uma Maria Luísa e amou com igual amor a sua Maria Luísa e a sua Fábrica. A felicidade decorreu-lhe então como um suave e manso deslizar de fonte perene, entre o harmonioso tic-tac dos seus teares e a palpação apaixonada do coração de sua mulher.

Ora passaram-se tempos e uma vez o Júlio, descobrindo-me de dentro de um eléctrico, pulou lesto na calçada, agarrou-me por um braço, apostrofou-me, invectivou-me e arengou-me no ruidoso desbordamento expansivo de uma existência feliz e bem passada. Que é que fazia o lobo? Continuava insociável, de dente arreganhado, no seu giró errante e vagabundo? Pois êle, Júlio, ali estava sereno dentro da vida serena que tinha criado, sem custo, sem esforço, com simplicidade e alegria. E era tam fácil aquilo! Porque não experimentava o lobo? Quê fosse, que fosse ver, observar, palpar aquela real e palpável felicidade dos Cedros. Que fôsse ali desenterrar o pessimismo negro de *rodeur* naquêle banho sadio de simplicidade e de quietação. Porque não fa o lobo? Encontraria em Maria Luísa a mansidão pacificadora de S. Francisco de Assis — e estender-lhe hía submisso a sua dócil pata de convertido.

Era sempre o mesmo Júlio, o mesmo bom e amoroso,

fácil e tranqüilo Júlio, impenitente de cândura e de racionalismo. Na sua mente de mecânico e afeiçoado ao pensar de mecânico, a razão, com toda a sua larga e sábia amplitude inteligentè, era para êle o supremo regulador da vida, espécie de balanceiro que equilibrava o desvairamento louco das ruins paixões. Uma cabeça boa fazia forçosamente uma existência bela. Um pensamento sólido gerava infalivelmente uma vontade forte.

E lá me levou para a quinta dos Cedros.

Fixei-me com a minha razoável caligrafia no escritório da fábrica, e como não quiz deixar uma cama que no Alto do Pina me vinha cedendo uma tia minha, leiteira e boa mulher, era por azinhagas e atalhos envidados, através dos campos e terras de semear, que todos os dias ia de casa para a fábrica e da fábrica para casa, quâsi esquecido da cidade e da Baixa, onde, passavam se meses, não punha agora os pés. A amizade de Júlio e os seus propósitos de conversão atrairam-me para o seu lar. Franqueei a sua intimidade. Tinha todos os domingos um talher à sua mesa. E conheci Maria Luísa. Não sei o que se passava em mim, mas o Júlio, que me observava paternal e notava extranhas, luminosas clareiras no matagal bravio da minha bisonhice, galhofava pra-senteiro:

— Ai que a Maria Luísa domestica o lobo!

E domesticava. A sua fina e tenra mão de mulher amaciava as cerdas ásperas da minha ferocidade. Via-me outro. Através dos farrapos das filosofias dispersas avistava-me homem, palpava-me sensível. Fazia descobertas sensacionais, achava coisas imprevisitas. Tronco árido, tornei-me rebento. Reverdeci de ternura. Sapo negro, ergui-me a asa. Revelou-se-me, oh prodígio, um coração. Sonhei. Mas, ai de mim, este sonho era agora outro, era um sonho de voluptuosidade e de febre. Amei. Mas este amor era outro: ardia, queimava, consumia.

A habitação de Júlio (como se quizesse consubstanciar o Lar, na Fábrica) era no próprio imóvel industrial, do lado do telheiro da estufa. Quando eu atravessava a ala, do escritório para a estampanaria onde tinha que ir freqüentes vezes, via quâsi sempre Maria Luísa à janela do seu quarto de costura

que um grande jasmineiro do terraço emoldurava numa doce evocação de sombra fresca e de idílio de romance. Toda a correspondência para a fábrica era entregue de manhã no escritório e era eu que ordinariamente a levava lá acima, à residência do Júlio que a lia sempre ao almoço e a entregava depois em baixo ao velho escriptorário Mendes, de que eu era ajudante. Por simples acaso ou rematada gentileza, era sempre Maria Luísa que à porta da sala de jantar, sôbre o terraço envidraçado, me recebia o correio e me demorava com uma palayra amável e um sorriso cativante. O meu maior praser era ir lá acima todos os dias depor nãas suas mãos brancas de princesa o masso de papeis que o correio deixava. E nas suas palayras eu sentia carícias morderem e nos seus sorrisos não sei que satânica promessa em flor...

— Pois amei Maria Luísa, murmurou o condenado com esforço, depois duma pausa. Mas tão inconscientemente que não dei logo por isso. E não se admire, meu amigo. Não ignora que a nossa vida é imensa e que só duma insignificante parcela nós temos ainda noção. Não sabia o que era a mulher, nunca a tinha sentido ao pé, na pura irradiação do amor, da ternura e da bondade. Bisonho, tímido, assustadiço, casto, não vira no amor coisa diversa da sensualidade e na união dos sexos instinto que não fôsse o da perpetuação da espécie. A felicidade dos Cedros foi uma surpresa para mim — que não tive mãe. Em Maria Luísa não vi pois a fêmea — de que eu fugira, mas a idealização abstrata da mulher. Amei-a sem ver nela a metade conjugal dum ser que formava com outro ser uma unidade inviolável, sagrada. Amei-a como o complemento moral do meu ser. Amei-a como se eu fôsse — o único homem, e ela — a única mulher.

E no pendôr da minha cegueira, dominado no fundo pela sensualidade desperta ao contacto da mulher, a sua materialidade impunha-se-me e o que eu via em Maria Luísa era afinal o corpo, a forma, a sua incomparável beleza feminina. E como lha hei de eu descrever, meu amigo?

Maria Luísa era com efeito bela e tentadora. Tinha o rosto redondo, em oval, dum róseo esmaecido e terno de porcelana, e olhos grandes, negros, profundos que comoviam por uma imensa doçura. Eu creio que ela não soube nunca o

poder de espiritualização que tinha o seu olhar. Há olhos ardentes, penetrantes, corrosivos, que tentam como visões perversas. Os de Maria Luísa eram mudos, socegados, calmos e tinham na sua mudez inquietante uma única expressão — ternura, que era o sentimento que afogava nela todos os outros sentimentos, como a côr branca dum raio de sol absorve em si todas as outras côres,...

Maria Luísa era inteligente, mas acima de tudo mulher, e o que predominava nela era a bondade, uma bondade que a cingia tôda como um nimbo, e de que ela resplandecia como dentro duma auréola. Uma santa, sim, é que ela era. Não sei quanto tempo Maria Luísa levou a conhecer o meu amor, nem sei mesmo como êle se lhe revelou. Creio que o sentiu, do mesmo modo que eu senti que era na sua ternura mais alguma coisa do que um amigo. Porque, ai de mim, ela também me amou!

A revelação de que Maria Luísa me amava eriu-me bruscamente um dia, não por uma evidenciação plena que viesse duma palavra sua, dum gesto ou dum olhar seus, mas como um toque místico, uma luz desabrochando sobrenatural dentro de mim.

Esse dia, que foi o mais feliz da minha vida, marca também o início da minha desgraça — porque era, meu amigo, uma felicidade falsa dentro duma vida falsa.

Saí da fábrica estonteado, louco. Corri pelas várzeas de Chelas, através das hortas e das vinhas e fugindo dos homens, das casas e dos caminhos, avancei pelo meio das terras, fora das estradas, para me isolar do mundo; ao acaso, sem rumo para me concentrar todo em mim. Uma estrada aberta na nossa frente é uma projecção de nós para alguma coisa. Um rumo é um centro de gravidade. O dia estava tam lindo que até os sepulcros claros do Alto de S. João riam na luz doirada do sol e pareciam, no seu leve e branco poiso de ave, diáfanos palácios de contos de fadas. As hortas verdejavam nos vales. As vinhas reverdeciam nas encostas, e numa cumiada, um gigantesco pinheiro manso, como um boi manso, considerava melancólicamente a Imensidade e a sua grandeza triste de solitário.

Maior criador mordia nas seivas despertas o seu ferrão de

luxúria e de cio. As cearas iam altas, quasi núbéis, casulando no recato discreto das suas fôlhas o amoroso ninho das espi-gas. As árvores fecundadas despíam o cândido véu de noivas e recolhiam-se em pensativas maternidades. Uma tremulina subia das colinas fortemente batidas do sol. O ar arfava. A natureza ofegava. E envolvido neste bafo cálido e genesiaco, de mocidade e de saúde, eu desejava Maria Luísa com ardor, com febre, com voluptuosidade.

Errava assim dias e dias pelos campos, como um anima com cio. Depois, um dia sosseguei. A pouco e pouco fui acordando do sonho e, encarando a frio a realidade meditei, reflecti, raciocinei. O meu procedimento não era sério. Era cruel, era criminoso — e era canalha. Enganar um homem é indigno, mas trair um amigo é monstruoso. Eu tornava-me naquele lar o verme entranhado que corrói e putrefaz. E que felicidade aquella, meu amigo! Que sólido e sereno acôrdo ligava a vida daqueles dois seres! A Fábrica e o Lar formavam um todo único. Era a mesma fôrça tranqúila que fazia cantar, dançar na doirada poeira do movimento os maquinismos e as almas. E não parecia senão que uma transmissão subtil ligava a vida de baixo à vida de cima, e que era o mesmo impulso calmo, harmonioso e rítmico que fazia girar cá em baixo os veios e bater lá em cima os corações...

Supuz-me curado, reabilitado. A flama alta do sonho vi-a desvanecida, extinta. Vencera a carne. Triunfara o dever. Mas a que preço! Juro-lhe, meu amigo que, roído de escrúpulos, ciliciei-me, mortifiquei-me, gemi, chorei, desesperei-me em noites e noites de agonia, até que a alma rebrilhou enfim como um cristal desembaciado e a consciência surgiu deslumbra-doramente bela na minha pureza clarificada, como em diáfana manhã de Abril a pupila de oiro do sol.

— Ri-se talvez dêste romântico estoicismo de sacrifício e de renúncia? — inquiriu o condenado fixando-me. — Fora da comunhão da vida e das ideas ignoro o que pensam lá fora os rapazes de hoje. Não sei. Mas sei que há modernamente quem materialize o amor e cedendo a um naturalismo perverso e cínico — que não é senão a supuração escrofulosa duma tara — considere um preconceito filho da moral burguesa, bebido no emoliente doutrinário do cristão, o escrúpulo

que me roía e devorava. «Se gostas duma mulher — brada essa filosofia, qual barregã dissoluta — toma-a e usa-a sem preocupações, sem reservas, como te pede o teu desejo, e ama-a como as aves se amam livremente no espaço e a flor recebe o volúvel, vário e voante beijo do fecundante pólen. Sacia o teu prazer onde o encontrares. Segue a natureza que tem mais acêrto do que tu e sabe melhor do que o moralista o que é o bem e o que é o mal. Contrariá-la nos seus desígnios é tão ridículo como querer pôr um freio aos ventos ou um *abat-jour* no sol. Homem, expande livremente a tua humanidade. Homem, usa dos teus atributos de homem. A moral nasceu dum concílio de castrados, num tempo em que havia ainda ascetas e eunucos. Ama como todos os outros seres da criação em que o amor é mais puro, é mais franco — e é mais belo, porque o não vela ainda a mentira da moralidade. Só há matéria, só há instinto, e a vida é a incarnação do instinto na matéria — ciclo fechado donde se sai apenas pela porta da loucura.» Ora esta filosofia do egoísmo e da indiferença repilo-a, meu amigo, com tôdas as fôrças. Serei um romantico, serei um enxêrto de positivismo moderno num galho velho de humanismo clássico, mas pensar doutro modo é regressar à besta, é renunciar ao homem. Demonstrou-mo, mais dô que o fruto das reflexões, o fruto da experiência que me trouxe aqui.

Houve uma pausa lenta, absorta, profunda.

— Deixe-me retomar o fio da minha narração, tornou o condenado. Via agora Maria Luisa quasi com indiferença. Que eu pouco erguia para ela os olhos e fugia de ouvi-la, de vê-la e de falar-lhe. Para não jantar nos Cedros pretextava compromissos de encontros, passeios, necessidades de convívio com a cidade, e assim evitava a mulher de Júlio. Maria Luisa compreendia tudo e os seus olhares agradeciam mudamente o meu nobre sacrificio, o que não era senão um acréscimo de fôrça à minha fôrça.

«Mas aí, baldado empenho, gemeu João Mateus depois duma nova pausa concentrada. A presença real e corpórea de Maria Luisa inflamava-me, e o incêndio lavrava subterraneamente, irrompendo as suas linguas de fogo. A serena paz dos Cedros tinha silêncios perversos de tentação e de crime.

O eflúvio sensual, que emanava de Maria Luísa e me perturbava, vinha, do secreto desabrochamento da sua paixão por mim.

...Estava uma noite carregada de eflúvios e de sombras. No veludo macio do céu palpitava languidamente a luz mortíca e frouxa das estrelas encalmadas. Uma lassidão enervava o ar e os corpos. Penetrei no jardim dos Cedros pela portinha do muro que bordava a estrada. A ocasião não era efectivamente das piores para um encontro solitário nos Cedros. O pessoal operário estava em greve e abandonara há quinze dias a fábrica. Só um guarda vigiava. Júlio tinha frequentes reuniões á noite com o *comité* patronal. Não havia probabilidades de perigo. Dei alguns passos no jardim. Vi o vulto claro de Maria Luísa destacar-se imaterial, etéreo e fluido como uma mancha nebulosa na noite sombria. Corri. Fui ao seu encontro. Que se passou depois? Sei que saí dos braços de Maria Luísa despedaçado de amargura e de desespero. Eu ficara só entre as rosas castas, abatido e aniquilado. Ela fugira espavorida.

A noite abafava. Esquecera-me de mim. Um calor estranho errava como um nevoeiro ardente. Sulocava.

Súbito estremei. Um clarão subia por detrás da estufa ao mesmo tempo que as linguas vermelhas das labaredas rompiam das gelosias do enxugadoiro. Estaquei aterrado. Mas era um incêndio! E num pulo atravessei o jardim, precipitei-me na outra ala da fábrica. Tôda a estufa ardia já em braza. O alarme fizera-se. Gente corria de fora, saltava os muros, invadia o portão da quinta. Eu hesitava. Que fazer? Mostrar-me era comprometer-me e comprometer alguém.

Tomiei a resolução de voltar para trás. Atravessei a ala. Escoei-me no jardim e transpunha a porta do muro quando avançou para mim um vulto que subia a estrada esbaforido, ofegante e me agarrou num braço. Era o Júlio, mas um Júlio lívido, desfigurado, que eu nunca tinha visto. Os seus olhos verrumavam-me. As suas narinas aspiravam-me. E todo eu caí sob a interrogação muda e formidável de todo aquele ser. Creio que advinhou tudo porque o vi fazer o gesto maquinal de procurar uma arma.

Não me importava morrer, queria porém salvá-lo a êle.

E serenamente disse-lhe :

—E' o seu dever. Não mereço outra coisa. Sou uma vibora que é preciso esmagar.

Ele olhava-me espantado, procurando saber, mas tendo medo de saber.

— Maria Luísa... exclamou num gemido abafado.

Eu fui ao encontro da sua dôr.

—Pobre Maria Luísa, afagou o lobo e o lobo mordeu-lhe a mão. Não me fale nela... Fale-me do meu crime, dêste incêndio que é obra minha, da minha perversidade e da minha tragédia. Devia ter notado o senhor que eu vinha afastando-me da sua intimidade. A Idéa, a sombria Idéa empolgava-me. Deixei de vêr no senhor o amigo, o irmão para vêr apenas numa deformação horrível, o patrão, o industrial, o explorador do braço do homem e odiei-o como aos outros burgueses. Houve conspirações, conciliabulos secretos, e coube-me a mim, numa reunião de grévistas, a fatalidade de dietar fogo à fábrica... Vá, cumpra o seu dever, faça Justiça antes que eu a faça por minhas próprias mãos!

Eu exaltava-me, sublimava-me, sentindo na belesa heróica do meu sacrificio o tardio consôlo da reabilitação.

Mas o Júlio espiava-me com o olhar acerado da dúvida. Ah, se êle não acreditasse!

A fábrica ardia agora tôda. Os clarões cada vez mais altos subiam ao ceu, crestavam as estrêlas e derramavam pelas várzeas o seu rio ardente de sangue, de dôr e de desolação. Júlio contemplava agora as cóleras desencadeadas do fogo que atingiam a sua habitação e consumiam no mesmo abraço calcinado os esforços do seu cérebro e do seu coração, a Fábrica e o Lar, síntese suprema da sua Felicidade.

E perante a sua vida moral esmigalhada e desfeita Júlio teve um gesto que não era já deste mundo e levantando a arma esmigalhou o crâneo.

Desvairado, precipítei-me, arranquei-lhe a arma, decidido a baquejar como êle na mesma pôça de sangue. Gente corria. Agarraram-me, desarmaram-me, prenderam-me. No tribunal confessei—com cinismo espantoso, comentaram as gazetas—os crimes—o do incêndio e o do assassínio, e hoje sou um condenado.

E aqui está, meu amigo, porque embora não seja a face dos códigos o delinqüente que se crê, não deixo contudo de ser um criminoso. Não incendiei, não assassinei. Mas o delicto moral—de que resultaram aquelas catástrofes—fóra do alcance da lei, não deve ser em face da lei menos punível do que aquêlê que cai sob a alçada da lei. E porque assim o compreendo, eis porque soffro e peno num avatar de sacrificio e de expiação que não será debalde, a caminho da perfeição moral em que creio e espero.

Há uma vitória mais difícil do que todas as vitórias. E' a vitória da razão consciente sôbre o instinto inconsciente que domína ainda três quartas partes do homem. E enquanto o homem não vencer a besta e a Moral não fôr o centro de gravitação da vida não poderá haver felicidade na terra.

Assim falou João Mateus. Na alucinação da viglha eu vi-lhe a fronte resplandecer. Era o alvor da madrugada que rompia pela janela aberta e lhe batia em cheio no rosto, illuminando-o.

FIM

A NOVELA VERMELHA

Em preparação:

N.º 2- **Sangue Fidalgo**

POR

NOGUEIRA DE BRITO

COLABORADORES: Manuel Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Perfeito de Carvalho, Jesus Peixoto, Artur Portela, Sobral de Campos, etc.

PREÇO: \$25 CENTAVOS

Série de 10 números: 2\$50

Shi